

Dois livros sobre incêndios florestais para ler e meditar

Fernando Rebelo

1. *Incendies de forêt et argent public*, de Paul Henry Fleur, publicado pela EDISUD, de Aix-en-Provence, em 2004, é um livro com 191 páginas que aflora quase todos os temas que giram à volta dos incêndios florestais, aliás como se deduz pelo subtítulo – “Prévention-Action-Résultat”.

Logo no prefácio (“Avant-propos”), pode ler-se que “para a França, o verão de 2003 ficará na História como um verão dramático a duplo título. É, primeiro, o que viu 15 000 a 18 000 pessoas de idade sucumbir em virtude da canícula. É, em seguida, para a floresta mediterrânea, o mais catastrófico, em relação aos incêndios: 66 782 hectares queimados, 10 mortos, dos quais 4 sapadores-bombeiros, 275 feridos, 25 casas queimadas, 14 veículos de todos os tipos destruídos ou acidentados. Para o conjunto da floresta francesa, a superfície queimada sobe a 72 500 hectares” (p. 5).

Que dizer de Portugal, durante o mesmo verão?

Cercados pelo Fogo. Os Incêndios Florestais em Portugal em 2003 e os acidentes mortais com eles relacionados, de Domingos Xavier Viegas, livro com 260 páginas, editado em Coimbra pela MinervaCoimbra, também em 2004, com uma primeira reimpressão já em 2005, não refere o número de mortos com a canícula, umas dez vezes inferior ao que aconteceu em França, mas salienta bem o que foi muito mais grave em termos de incêndios. Efectivamente, “a média de área ardida anualmente estava estabilizada em torno de cerca de 100 000 hectares anuais. No ano de 2003, com a área registada superior a 420 mil hectares, este valor foi multiplicado por quatro. A área ardida em 2003 foi mais do dobro da verificada no pior dos anos em que há registo (1991)” (p. 29). Antes, no “Prefácio” a esta obra, Pedro Lopes tinha escrito que “ninguém soube prever que o verão de 2003 nos iria marcar tão drasticamente com a morte de 21 pessoas, nas quais se incluíam 2 bombeiros portugueses e 2 técnicos chilenos especializados no combate ao incêndio florestal” (p. 10).

Torna-se muito claro que a leitura das primeiras páginas dos dois livros nos faz meditar sobre os grandes números – se 72 500 hectares de superfície queimada são uma catástrofe para uma país com 540 000 km² de superfície, o que significarão 420 000 hectares de superfície queimada para um país de 90 000 km²?

2. Como o próprio título indica, *Incendies de forêt et argent public*, o livro de Paul-Henri Fleur vai preocupar-se com os custos de tudo o que se relaciona com incêndios florestais.

No entanto, não fala disso ainda na primeira parte, “La forêt face au feu”. Começa por caracterizar a floresta mediterrânea, depois refere-se aos factores climáticos pertinentes e insiste que, apesar disso, “o risco vem do homem”. Tudo antes de se debruçar sobre as características dos incêndios. Logo aqui, saliente-se a comparação que estabelece com os fogos provocados pelo bombardeamento de Dresden, “que fez 200000 mortos, em Fevereiro de 1945” onde “as chamas produziram ventos de 200 km/h” (p. 25).

Na segunda parte, “La prévention de la forêt contre le feu”, discute as vantagens e as desvantagens da limpeza do mato e apresenta números sobre os custos dessa limpeza. Ficamos a saber que, em França e em 2004, ficava entre 700 e 2000 euros a limpeza do mato numa zona com um raio de 50 metros à volta de uma habitação (p. 34). Torna-se muito claro que, para o Autor, o segredo da prevenção passa pela agricultura e pela silvicultura tradicionais, embora sejam equacionados muitos problemas que mostram as dificuldades existentes. Não deixa, todavia, de elogiar os homens que, a troco de um salário ou de forma voluntária, vigiam a floresta. Chama-lhes os “homens da sombra”, neles incluindo caçadores, sapadores-bombeiros, vigias, pilotos de helicópteros ou de avionetas, etc.

Na terceira parte, “La lutte contre le feu”, começa por se debruçar sobre os bombeiros profissionais e sobre os bombeiros voluntários, o tipo de formação que recebem, os materiais que utilizam, aí juntando os meios aéreos de que a França então dispunha. Adianta alguns números elevados relativos à utilização de certos meios aéreos. Tal como se refere aos acidentes que com eles aconteceram – “14 acidentes e 27 mortos em vinte anos” (p. 86). Acrescenta, ainda, os produtos químicos que esses meios podem lançar, questiona as suas características e, naturalmente, compara preços. Entre os muitos assuntos tratados neste conjunto de capítulos, um apontamento curioso – “os efeitos da água do mar largada sobre a vegetação” (p. 103) parecem não ser graves desde que chova no Outono, como é habitual em climas mediterrâneos.

Na quarta parte, “Après le feu”, fala-se dos inquéritos sobre as causas dos incêndios, da lei e da prática. Mas também se analisa o caso concreto do Verão de 2003 no Sul da França. O Autor trata dos efeitos dos fogos sobre as árvores – desenvolve as ideias que justificam a frase, tantas vezes ouvida, “a floresta regenera-se sozinha” (p.128), mas não esquece que o solo se fragiliza e que, além disso, há a erosão e os

danos causados à fauna e, acima de tudo, aos seres humanos. “Rearborizar ou reabilitar?” é a pergunta que abre o último capítulo desta quarta parte.

“Solutions pour demain” é o título da quinta parte. E a primeira pergunta colocada é se será necessário aumentar os meios actualmente disponibilizados. A partir daqui os números começam a fazer pensar – fala-se em muitos milhões de euros, fala-se de ajuda proveniente da União Europeia e fazem-se propostas concretas “em matéria de luta”, que passam pela melhoria das “capacidades operacionais dos bombeiros” (p. 151-155) e pela prevenção, que passam por “fazer intervir as companhias de seguros” (p. 157-158) e por muitas outras acções ligadas às autarquias e aos agricultores. O Autor vai, ainda, mais longe – afirma que, para fazer prevenção, “primeiro, é necessário ter vontade”, criando “células de investigação”, punindo severamente os incendiários. E incendiários serão para ele, também, os que não dominam uma fogueira, os que fazem um churrasco imprudente, os que lançam um cigarro para o chão... No entanto, diz, há bloqueios que, antes de mais, vêm da própria sociedade e dos autarcas que não querem exercer os seus poderes. Por isso, acha que deveria abrir-se um grande debate sobre os fogos florestais na região mediterrânea.

Nas conclusões, Paul-Henri Fleur limita-se a desenvolver uma pergunta (“Será que os eleitos compreenderam?”) e a ensaiar algumas respostas que giram à volta dos camponeses e do que estará a ser o fim da agricultura no Sul de França. Termina mesmo falando do caso concreto de um incêndio de 1989, anunciando que se trata de uma nota “demasiado pessimista” – foram necessários 14 anos para que o tribunal lavrasse a sentença que permitiu o pagamento de indemnizações a 250 proprietários vítimas da devastação de um incêndio provocado por trabalhos florestais desenvolvidos pelo próprio Estado.

Em anexo, e mais uma vez fazendo jus ao título do livro, seguem-se números importantes – o custo da prevenção, o custo da luta, o custo do fogo, a ajuda da União Europeia e os custos dos diferentes meios aéreos de combate às chamas.

3. Por sua vez, em *Cercados pelo Fogo*, Xavier Viegas preocupa-se muito mais com a dimensão humana, ou seja, com o drama individual de quem é apanhado pelas chamas, o drama vivido pelos seus familiares e amigos, o drama dos bombeiros que, em certos casos, nada podem fazer para evitar a morte. Dividido em três partes, “um triste verão”, “descrição dos acidentes” e “outros casos”, a maior parte do livro corresponde à segunda, onde são descritos 18 acidentes, tendo em vista apurar causas, tirando daí os ensinamentos para que nada de semelhante volte a ocorrer.

2003 foi realmente um ano excepcional em termos de calor de Verão e de suas consequências não só em incêndios de florestas como em mortes de idosos dentro das suas próprias casas, em casas de repouso ou em hospitais. No que respeita a condições propícias a incêndios, o Autor salienta o facto de ter chovido muito entre Setembro de 2002 e Abril de 2003, com um crescimento abundante de vegetação que, a partir de Maio, perante uma seca prolongada, veio a tornar-se o rastilho para a deflagração e grande parte do combustível para o desenvolvimento dos grandes fogos verificados. Na maioria dos casos de morte descritos, nota-se que a responsabilidade pelo desenlace esteve na rapidez de propagação dos fogos. Essa rapidez, porém, não se terá ficado a dever exclusivamente à enorme quantidade de vegetação herbácea ou arbustiva seca, mas também aos ventos, em geral, de leste, acelerados pelo efeito do calor, e, por vezes, pela topografia, com vales a criarem um violento “efeito chaminé”.

Salientem-se deste livro os relatos pormenorizados da investigação realizada, acima de tudo, pelo espírito científico que a guiou e pela vivência humana que envolveu. Por isso, o texto, apesar de longo, lê-se depressa. Chega a ser emocionante a sua leitura. E se alguns “croquis” não são facilmente compreendidos, as fotografias são elucidativas e, em certos pormenores, impressionantes.

O “Epílogo” traz-nos “conclusões e recomendações”. Das “21 vítimas, apenas quatro eram bombeiros ou técnicos de combate aos incêndios”. De todas elas, curiosamente, só três “se encontravam na floresta com a intenção de combater o fogo. Todas as outras estavam apenas a vigiar as suas propriedades, ou a fugir do fogo” (p. 255). Depois de sintetizar alguns pontos fundamentais entre os muitos que ficaram escritos, Xavier Viegas diz que “a conclusão a tirar é a de que é importante melhorar a compreensão do comportamento do fogo e disseminar tal conhecimento, mesmo entre a população em geral” (p. 257). Nada mais certo neste país em que todos (julgam que) sabem de fogos florestais. Não há quem não se pronuncie sobre eles, seja à mesa do café, seja em jornais diários ou semanários, nas rádios e nas televisões, frequentemente acusando pessoas, por vezes, bombeiros, coordenadores ou políticos, outras vezes, proprietários florestais, agricultores, madeireiros ou até pilotos de avionetas... Mas já era assim em Agosto de 1975, há 30 anos atrás, no mês que serviu de caso de estudo para o trabalho sobre “condições de tempo favoráveis aos incêndios florestais” (F. REBELO, 1980, 2003). É fundamental que, quem sabe realmente de fogos florestais, ao longo do Inverno e da Primavera, faça reuniões com as pessoas das áreas de maior risco, descendo ao pormenor da freguesia ou da paróquia, como não se pode abandonar o trabalho

que tem vindo a ser feito com os estudantes do ciclo básico. Tanto se fala hoje de animadores culturais e de animadores sociais, porque não começar a falar de animadores de protecção civil? Veja-se o que é feito em Inglaterra quanto ao risco de inundação (S. TUNSTALL, 2004).

Referências bibliográficas

REBELO, Fernando (1980) – “Condições de tempo favoráveis à ocorrência de incêndios florestais – análise de dados referentes

a Julho e Agosto de 1975 na área de Coimbra”. *Biblos*, 56, p. 653-673.

REBELO, Fernando (2003) – *Riscos Naturais e Acção Antrópica. Estudos e Reflexões*. 2ª edição revista e aumentada. Coimbra, Imprensa da Universidade, 286 p.

TUNSTALL, Sylvia (2004) – “La gestion des inondations en Angleterre e au Pays de Galles”. *Risques Naturels et Aménagement en Europe* (Sous la Direction de Y. VEYRET, G. GARRY, N. M. RICHEMOND). Paris, Armand Colin, p. 88-107.

Cinco colectâneas de trabalhos sobre Riscos Naturais da autoria de Luciano Lourenço

Fernando Rebelo

Riscos Naturais e Protecção do Ambiente foi a primeira das cinco colectâneas a ser editada. Luciano Lourenço começa por justificar a lógica desta edição e por fazer a sua apresentação geral. Com muito gosto, escrevi o Prefácio. Seguem-se dez capítulos correspondendo a dez artigos anteriormente publicados sobre matérias diversas desde a teoria do risco até aos riscos naturais em Coimbra, passando por questões de climatologia, de incêndios florestais e de geomorfologia. Ainda me lembrava de alguns destes trabalhos, mas um ou outro foram agradáveis novidades, porque tinham aparecido antes em revistas ou livros de áreas não propriamente geográficas. Estava desde logo compreendida a importância desta antologia. Alguns dos trabalhos não eram de acesso fácil para a maioria dos geógrafos.

Risco Meteorológico de Incêndio Florestal foi a segunda das antologias a vir a lume. O Prefácio é de António Brum Ferreira. Antes de iniciar a sequência dos sete trabalhos que constituem o livro, o Autor achou por bem informar, através de uma Nota Introdutória, que fez algumas adaptações nesses trabalhos em função de uma terminologia actual aceite pelos investigadores dos incêndios florestais. Praticamente todos os artigos agora publicados de novo corresponderam, quando saíram pela primeira vez, a momentos importantes na história dos estudos sobre incêndios florestais em Portugal.

Risco Dendrocaustológico em Mapas é o título da terceira colectânea. Começa por um Prefácio de Suzanne Daveau, prosseguindo com uma Nota Introdutória e com uma página sobre a Dendrocaustologia, ou seja, sobre a ciência que estuda os incêndios florestais (p. 11). Os nove artigos que vêm depois levam-nos a recordar tempos áureos da investigação

que o Autor fez ao longo dos anos 80 e inícios dos anos 90, sem, no entanto, deixar de lembrar a sua ligação mais recente com a Escola Nacional de Bombeiros de que foi Director.

Manifestações do Risco Dendrocaustológico é o título da quarta colectânea. O Prefácio é de Maria Eugénia Moreira. A Nota Introdutória evoca os incêndios de 2003, que parecem ter sido um dos motivos que levaram Luciano Lourenço a juntar este tipo de trabalhos em livro. Alguns dos artigos estudam casos concretos de incêndios florestais – como apareceram, como evoluíram, como foram dominados. Outros vão incidir nas consequências erosivas ou nos impactos de toda a ordem que ocasionam.

Riscos de Erosão após Incêndios Florestais é o título da quinta colectânea. Alguns dos trabalhos que haviam sido publicados na sequência de acontecimentos catastróficos verificados na região centro de Portugal juntam-se a outros que resultaram de investigação paciente ao longo de meses em vertentes da mesma região. Recordam-se situações, recordam-se estudos, recordam-se, inclusivamente, amigos que nos informaram de alguns casos. O Prefácio, de Ilídio do Amaral, e a Nota Introdutória, do Autor, antecedem sete capítulos que correspondem a artigos ou a relatórios publicados, alguns muito pouco conhecidos.

Respectivamente com 180, 188, 201, 174 e 199 páginas, estes livros levam os números 44, 46, 48, 50 e 52 da Coleção Estudos e os números I, II, III, IV e V das Colectâneas Cindínicas. Foram editados conjuntamente pelo Núcleo de Investigação Científica de Incêndios Florestais e pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Todos saíram em Coimbra e em 2004. São de leitura obrigatória para quem quiser conhecer a complexa problemática dos incêndios florestais.